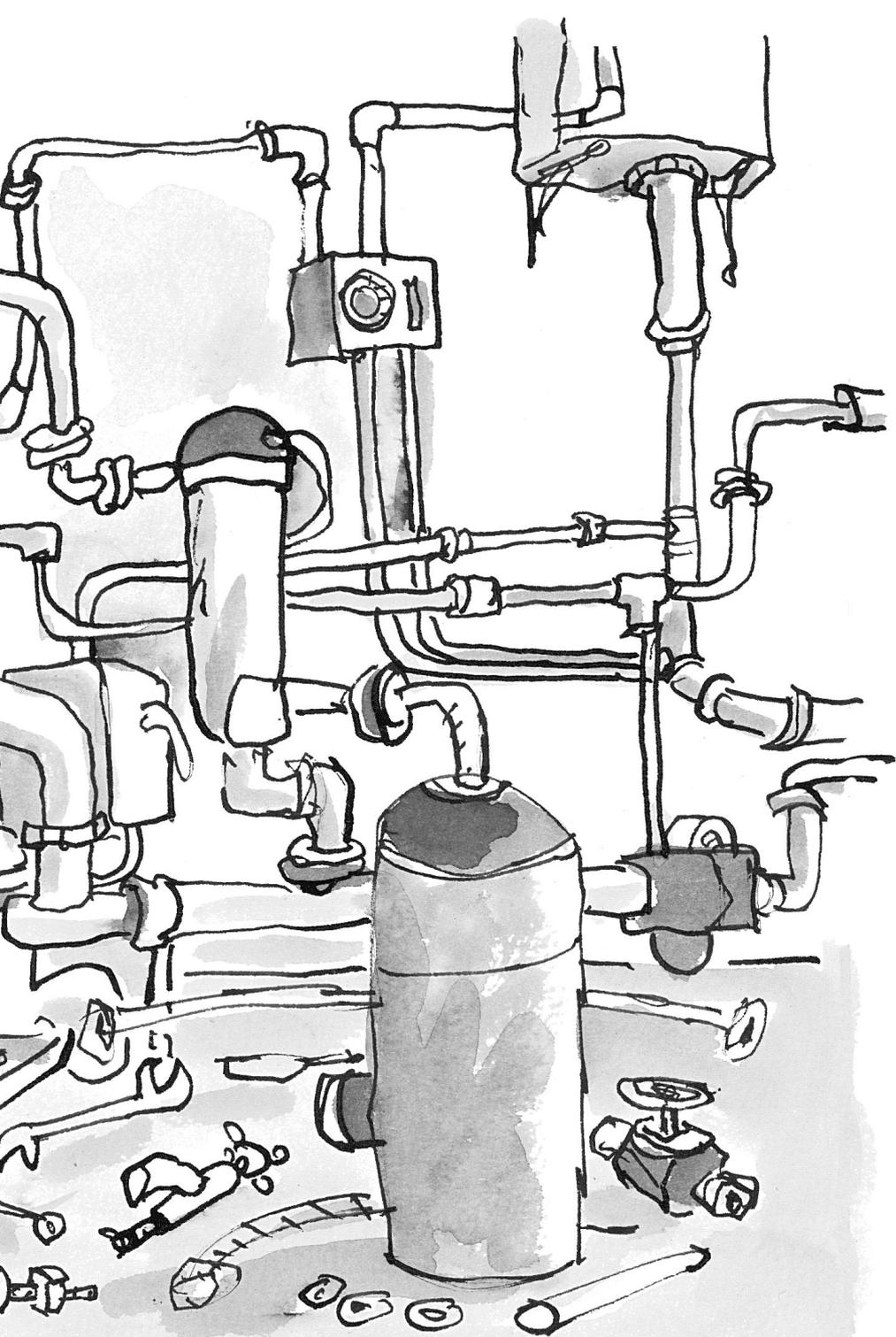




**VOVÓ
VIGARISTA**





David Williams

VOVÓ
VIGARISTA

Ilustrações de Tony Ross
Tradução de Edmundo Barreiros



Copyright do texto © 2011 David Walliams
Copyright das ilustrações © 2011 Tony Ross
Publicado originalmente por HarperCollins Publishers

TÍTULO ORIGINAL
Gangsta Granny

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Flora Pinheiro
Gabriel Pereira

ADAPTAÇÃO DE CAPA E PROJETO GRÁFICO
Julio Moreira

TRATAMENTO E ADAPTAÇÃO DAS ILUSTRAÇÕES
ô de casa

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

W183v

Walliams, David, 1971-
Vovó vigarista / David Walliams ; ilustração Tony Ross ; tradução
Edmundo Barreiros. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.
240 p. : il. ; 21 cm.

Tradução de: Gangsta Granny
ISBN 978-85-8057-345-9

1. Ficção infantojuvenil inglesa. I. Ross, Tony. II. Barreiros, Edmundo.
III. Título.

13-00278

CDD: 028.5

CDU: 087.5

[2013]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Para Philip Onyango...
...o garotinho mais corajoso que conheço.



Agradecimentos

Gostaria de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram com este livro.

Primeiro, ao extremamente talentoso Tony Ross, por suas ilustrações mágicas. Em seguida, a Ann-Janine Murtagh, a mente brilhante responsável pelos livros infantis da HarperCollins. A Nick Lake, meu muito dedicado editor e amigo. Aos fantásticos designers James Stevens e Elorine Grant, que fizeram o projeto de capa e miolo, respectivamente, da edição original. À meticulosa copidesque Lizzie Ryley. A Samantha White, pelo trabalho maravilhoso na divulgação dos meus livros. À querida Tanya Brennand-Roper, que produz as versões em áudio. E, é claro, ao meu agente literário da Independent, Paul Stevens, pelo grande apoio.

Mas acima de tudo gostaria de agradecer a todos que leram meus livros. Fico realmente agradecido por estarem presentes nos eventos de autógrafos, por me escreverem cartas ou enviarem desenhos. Amo contar histórias para vocês, de verdade. Espero poder criar mais algumas. Continuem a ler, é bom para vocês!

1

Água repolhenta

— Mas a vovó é tãããão chata! — disse Ben. Era uma noite fria de sexta-feira em novembro e, como sempre, ele estava encolhido no banco de trás do carro dos pais. Ia passar mais uma noite na temível casa da avó. — *Todos os velhos são.*

— Não fale assim da sua avó — disse o pai, com seu barrigão imprensado no volante do pequeno carro marrom da família.

— Detesto ficar com ela — protestou Ben. — A tevê daquela casa não funciona, a vovó só quer saber de fazer palavras-cruzadas comigo e além de tudo ela fede a repolho!

— Temos que ser justos com o menino: ela fede mesmo a repolho — concordou a mãe, passando um lápis de boca de última hora.

— Querida, assim você não está ajudando — resmungou o pai. — Na pior das hipóteses, mamãe tem um leve odor de legumes cozidos.

— Eu não posso ir com vocês? — implorou Ben. — Eu adoro dança de balão — mentiu.

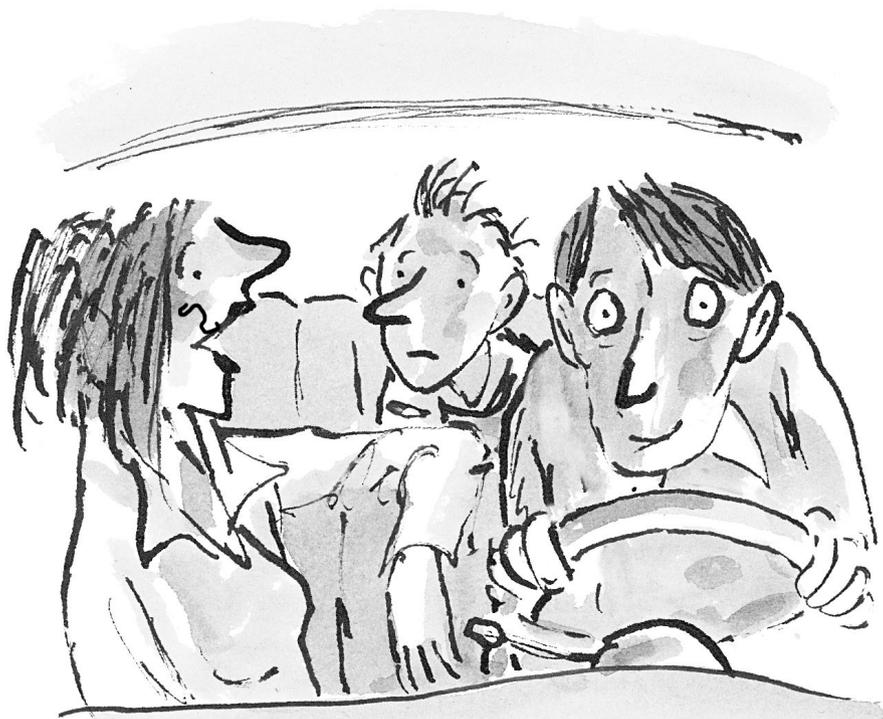
— O nome é dança de salão — corrigiu o pai. — E você odeia isso. Uma vez até disse as seguintes palavras: “Prefiro comer meleca a ver essa bobagem.”

Já os pais de Ben realmente *adoravam* dança de salão. Às vezes o menino achava que eles gostavam mais disso do que dele. Havia um programa na tevê que passava nas noites de sábado e que seus pais nunca perdiam, *Dançando com Superestrelas*, no qual celebridades faziam par com dançarinos profissionais.

Na verdade, se um dia a casa deles pegasse fogo e a mãe tivesse que escolher entre salvar o brilhante sapato dourado de sapateado usado por Flavio Flavioli (o dançarino italiano bronzeado e bonitão que aparecia em todas as edições do tal programa) ou seu único filho, Ben achava que ela provavelmente escolheria o sapato. Naquela noite, os pais estavam indo assistir a *Dançando com Superestrelas* ao vivo.

— Não sei por que você não desiste desse sonho maluco de ser encanador, Ben, e considera a ideia de se

tornar um dançarino profissional — disse a mãe, fazendo um risco no rosto com o lápis de boca ao passarem por um quebra-molas especialmente capaz de quebrar as molas do carro. A mãe tinha o hábito de se maquiar no carro, o que significava que não raramente chegava aos lugares parecendo um palhaço. — E talvez, quem sabe, você acabe aparecendo no *Dançando com Superestrelas!* — acrescentou ela, empolgada.



— Porque acho ridículo ficar saltando de um lado para o outro que nem um macaco — disse Ben.

Soltando um muxoxo de ofendida, a mãe pegou um lenço de papel.

— Você está deixando sua mãe triste. Agora fique quieto, Ben, por favor, como o bom menino que você é — interveio o pai com firmeza, e aumentou o som do carro.

Para variar, estava tocando o CD do *Dançando com Superestrelas*. Uma etiqueta na capa dizia: *Cinquenta Clássicos Inesquecíveis do Grande Sucesso da Tevê*. Ben odiava aquele CD, no mínimo por já tê-lo escutado mais de um milhão de vezes. Na verdade, já ouvira tanto aquelas músicas que agora lhe pareciam instrumentos de tortura.

A mãe de Ben era manicure no salão do bairro, o Elza Embeleza. Como não tinham muitas clientes, ela e a outra mulher que trabalhava lá (que obviamente se chamava Elza) passavam o dia fazendo as unhas uma da outra. Tiravam a cutícula, lixavam, limpavam, hidratavam, passavam base, esmalte, óleo secante e extrabrilho. Elas cuidavam das unhas o dia inteiro (a menos que Flavio Flavioli estivesse em algum programa vespertino na tevê). Isso significava que a mãe dele

sempre chegava em casa com unhas postiças muito compridas e multicoloridas nos dedos.

Já o pai de Ben trabalhava como segurança de supermercado. O ponto alto de sua carreira de vinte anos até então tinha sido flagrar um idoso que estava com dois potes de margarina escondidos na calça.

Apesar de agora estar gordo demais para correr atrás de qualquer ladrão, ele com certeza poderia bloquear a porta e impedir uma fuga. Os dois, mãe e pai, se conheceram quando ele a acusou equivocadamente de furtar um saco de batatas fritas. Menos de um ano depois estavam casados.

Virando a esquina, eles chegaram a Grey Close, onde ficava a casinha da vovó. Era apenas mais um de uma série de chalés pequenos e tristes, habitados principalmente por gente velha.

O carro parou, e Ben lentamente virou a cabeça na direção da casa: lá estava a avó, olhando ansiosa pela janela da sala. Esperando. Esperando. Ela sempre estava à janela à espera dele.

Há quanto tempo ela está ali?, pensou Ben. *Desde a semana passada?*

Ben era seu único neto, e, pelo que ele sabia, ninguém mais a visitava.

Vovó acenou para ele e abriu um pequeno sorriso. Rabugento como estava, o menino só conseguiu retribuir com um sorrisinho indeciso.

— Bem, voltaremos para buscar você amanhã de manhã, por volta das onze — disse o pai, sem nem mesmo desligar o carro.

— Não pode ser às dez?

— Ben! — rosnou o pai.

Ele soltou a trava da porta e Ben saiu do carro resmungando. Ele não precisava mais da trava, é claro: tinha onze anos e era muito improvável que tentasse abrir a porta enquanto o carro estivesse em movimento. Suas suspeitas eram de que o pai só usava aquilo quando ia levá-lo à casa da avó, para impedi-lo de fugir. A porta bateu depois que ele saiu e o motor tornou a acelerar.

Antes que pudesse tocar a campainha, a vovó abriu a porta. Ben foi atingido no rosto por uma lufada bem forte de cheiro de repolho. Era como uma bofetada de fedor.

Ela era bem parecida com aquelas vovós que aparecem nas histórias infantis:

